



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

MURILO HENRIQUE DA CRUZ SANCHES

**O GÊNERO CONTO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: LEITURA E
PRODUÇÃO DE TEXTO**

TOMÉ- AÇU/PA
2023

MURILO HENRIQUE DA CRUZ SANCHES

**O GÊNERO CONTO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: LEITURA E
PRODUÇÃO DE TEXTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa do Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa.
Orientadora: Prof^a. Doutora Raimunda Dias Duarte

TOMÉ- AÇU/PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S211g SANCHES, Murilo Henrique da Cruz.
O GENERO CONTO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL : LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO /
Murilo Henrique da Cruz SANCHES. — 2023.
61 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Raimunda Dias Duarte
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2023.

1. Gêneros do Discurso. 2. Leitura. 3. Conto. 4. Produção
de texto. I. Título.

CDD 370.1523

MURILO HENRIQUE DA CRUZ SANCHES

**O GÊNERO CONTO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: LEITURA E
PRODUÇÃO DE TEXTO**

Trabalho de Conclusão de Curso Orientado pela:
Profª. Doutora Raimunda Dias Duarte,
apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-
Língua Portuguesa do Campus Universitário de
Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como
requisito para obtenção do título de Licenciado em
Letras Língua Portuguesa.

APROVADO EM: 03 / 08 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Raimunda Dias Duarte
Orientadora

Profª Drª Francisca Maria Carvalho
Examinadora Interna

Dedico esta monografia primeiramente a Deus, por me guiar e me dar forças durante toda a jornada acadêmica.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a seguir meus sonhos e nunca deixaram faltar apoio e amor em minha vida.

À minha orientadora, pelos ensinamentos, orientações e paciência ao longo do processo de desenvolvimento deste trabalho. Sua dedicação e comprometimento foram fundamentais para o alcance dos objetivos propostos.

A todos os professores que me transmitiram conhecimento ao longo da minha trajetória acadêmica e contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Aos colegas de curso, que se tornaram grandes amigos e compartilharam comigo os desafios e as conquistas ao longo do percurso.

E, por fim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, seja com palavras de incentivo, ajuda técnica, ou qualquer forma de apoio. Muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho apresenta como tema **O gênero conto nos anos finais do ensino fundamental: leitura e produção de texto**. O estudo tem como objetivo geral analisar o gênero conto como estratégia de aprendizagem no desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de texto e objetivos específicos: Identificar as características do gênero conto; compreender a importância do gênero conto para os processos de leitura e produção textual; desenvolver uma proposta de intervenção didática para o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de texto, com alunos do 9º. ano por meio do gênero conto. O referencial teórico-metodológico está baseado na visão de sequência didática segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Zabala (1998); nos gêneros do discurso na visão de Bakhtin (1997) e Antunes (2002); no gênero conto embasado em Costa (2014) e Gotlib (1990); nos trabalhos sobre tipologias textuais de Marcuschi (2008) e em orientações da Base Nacional Comum Curricular BNCC (2018), que traz propostas para o ensino de língua pautado no estudo dos gêneros. Posteriormente, após a aplicação da SD, a segunda parte do trabalho, será comprovado que o aluno alcançou o conhecimento da estrutura, características e função social do gênero conto; compreendeu a relevância desse gênero como estímulo à leitura e escrita; e foi capaz de produzir um conto de forma competente.

Palavras-chave: Gêneros do discurso; Leitura; Conto.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. UM OLHAR SOBRE OS GÊNEROS	9
2.1 Bakhtin e os gêneros do discurso.....	9
2.2 O gênero conto.....	14
3. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA - PRISMA TEÓRICO	19
3.1 Estrutura / organização.....	20
4. METODOLOGIA	23
5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CONTO.....	29
5.1 Apresentação da situação	30
5.2 Módulos.....	32
5.3 Produção final: Produzindo um conto.....	48
6. AVALIAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO FINAL	49
6.1 Avaliação da Produção final.....	49
6.2 Socialização da produção final	50
7. CONCLUSÃO	51
8. REFERÊNCIAS.....	52
ANEXO A	54

1. INTRODUÇÃO

O ensino dos gêneros textuais é uma importante estratégia que facilita o aprendizado e a compreensão da língua portuguesa pelos alunos. Nos anos finais do ensino fundamental, a habilidade de compor textos de diferentes gêneros é fundamental para a continuidade da formação do estudante em níveis mais avançados de escolaridade.

A estratégia de leitura e produção de textos se configura como sendo de fundamental importância para uma formação mais completa e refinada dos estudantes do ensino fundamental. Por meio da leitura e da escrita, os alunos se comunicam e interagem com o mundo, construindo suas visões de mundo e aprimorando suas habilidades comunicativas. Nesse sentido, o ensino de gêneros textuais pode contribuir para a melhoria da compreensão da leitura e da produção de texto, uma vez que permite uma maior familiarização com as características e especificidades dos diferentes gêneros de textos.

A metodologia usada para o ensino da leitura e da escrita por meio de gêneros textuais é a sequência didática (SD). Essa estratégia didática irá contribuir para um melhor desempenho dos alunos, levando em consideração a relação entre o ensino e a aprendizagem, o papel do professor e a importância da contextualização dos gêneros no cotidiano do estudante. A proposta da SD encontra sua justificativa na constatação do enfraquecimento das habilidades de interpretação e leitura no ensino básico. Essa queda pode ter efeitos extremamente danosos a longo prazo, tendo em vista que o ensino fundamental atua como um alicerce para o ensino médio.

O trabalho tem como referencial teórico-metodológico a visão de sequência didática conforme abordada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Zabala (1998). Além disso, também são considerados os gêneros do discurso de acordo com as perspectivas de Bakhtin (1997) e Antunes (2002). No que diz respeito ao gênero conto, são fundamentos os estudos de Costa (2014) e Gotlib (1990). Ainda são levados em consideração os trabalhos sobre tipologias textuais de Marcuschi (2008) e as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, que propõem uma abordagem do ensino de língua baseada no estudo dos gêneros. O objetivo

geral do estudo é ressaltar a importância do gênero conto como estratégia de aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de texto. Para alcançar esse objetivo, os objetivos específicos serão apresentados da seguinte forma: o primeiro passo será identificar as características do gênero conto, explorando sua estrutura, elementos narrativos e funções específicas. Em seguida, será abordada a importância do gênero conto no desenvolvimento das habilidades de leitura, como a compreensão de texto, interpretação e análise crítica. Será destacada, também, a relevância desse gênero na produção textual, enfatizando a capacidade de criar narrativas curtas e desenvolver a criatividade dos alunos na escrita.

Com base nesse contexto, foi desenvolvida uma proposta de intervenção didática que visa auxiliar os alunos do 9º ano no desenvolvimento de suas habilidades de leitura e produção de texto, por meio do estudo e produção de contos. Além disso, os alunos serão incentivados a produzir seus próprios contos, explorando sua criatividade e aplicando os conhecimentos adquiridos.

O estudo está dividido da seguinte maneira: primeiro, discute-se a temática dos gêneros do discurso com base nas perspectivas de Bakhtin (1997) e Antunes (2002). Em seguida, será feita uma análise do gênero conto, investigando sua história, aspectos composicionais e importância no contexto educacional. Depois, será apresentada uma visão geral sobre a sequência didática com base nas contribuições de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), bem como será discutida a estrutura dessa sequência didática, considerando a perspectiva de Zabala (1998). Posteriormente, será exposta a metodologia utilizada neste estudo, destacando principalmente a proposta didática adotada. Por fim, será apresentada a proposta didática detalhando suas etapas e atividades. O trabalho possui ainda uma segunda parte que se trata da aplicação da proposta sugerida, nesse momento os resultados serão obtidos e os objetivos alcançados com a produção final dos alunos.

2. UM OLHAR SOBRE OS GÊNEROS

Os gêneros textuais são classificações que agrupam textos com características semelhantes, como finalidade, estrutura, linguagem e contexto de produção. Compreender os diversos gêneros textuais existentes no mundo é fundamental não apenas para a produção adequada de textos, mas também para entendê-los em diferentes situações de uso social.

Neste capítulo, busca-se fazer uma discussão crítica sobre os gêneros textuais, analisando suas particularidades, suas funções e o papel que desempenham nos diferentes contextos comunicativos.

2.1 BAKHTIN E OS GÊNEROS DO DISCURSO

Quando pensamos nos estudos desse campo linguístico, os gêneros do discurso, definidos por Bakhtin, surgem como uma fonte de estudo para as mais variadas áreas da linguagem. Bakhtin foi um estudioso da linguagem e suas investigações trazem importantes contribuições em áreas como a teoria da literatura, a crítica literária, a sociolinguística, análise do discurso e a semiótica.

Bakhtin (1997) define a língua como um constante processo de interação. Portanto, para ele, a língua só existe quando fazemos uso dela em situações reais de comunicação. A relação entre locutor e interlocutor é caracterizada como dialógica e ocorre em contextos específicos, conforme o autor no enunciado abaixo:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997, p.277)

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciado que cumprem função social. As interações sociais se dão por meio dos gêneros do discurso.

Em seu trabalho *A estética da criação verbal* (1997), Bakhtin discute sobre os gêneros do discurso, destacando que estes são classificados em primários e secundários. Os gêneros primários são espontâneos e informais, surgem das

necessidades imediatas de comunicação verbal. Dentre esses gêneros destacam-se o bilhete, conversas cotidianas, receitas culinárias e etc.... já os gêneros secundários exigem um conhecimento intelectual mais elaborado, como o romance, artigos científicos, o conto (gênero analisado neste estudo), entre outros. Segundo Bakhtin (1997, p. 281), “durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies”. Para o estudioso, os gêneros secundários diferem dos primários em termos de elaboração e finalidade: enquanto os primários possuem função de interação social cotidiana, os secundários são voltados a um tipo de comunicação mais formal.

Os gêneros secundários, ao surgirem da necessidade de comunicação mais formal e organizada, incorporam elementos dos gêneros primários. Isso significa que os gêneros secundários não são completamente independentes dos gêneros primários, pelo contrário, são elaborações desses gêneros mais simples, adaptados para cumprir funções mais específicas na comunicação.

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros do discurso se caracterizam por meio de três critérios: a) conteúdo temático: o assunto sobre o qual o referido gênero tratará; b) construção composicional: a estrutura a qual o gênero seguirá no que diz respeito a sua função discursiva, por fim, c) o estilo: as peculiaridades do gênero apresentado, tais como o estilo de escrita do autor, a utilização de vocábulos únicos, traços de linguagem e tudo aquilo que represente a composição única do gênero observado.

Neste trabalho, será estudado o conto, um gênero secundário. O escritor, poeta e crítico literário russo, Vladímir Nabókov (NABÓKOV, 1981) discute a estrutura e a importância do conto, destacando a brevidade e a eficácia dele na comunicação. O intelectual defende que o conto deve ser lido como um todo coeso, em vez de ser fragmentado em partes isoladas. Sua mensagem final deve ser surpreendente e significativa. Nabókov também enfatiza a importância do estilo e da linguagem utilizados no conto, mostrando que esses elementos contribuem para o impacto emocional do gênero sobre o leitor.

Os gêneros textuais são fundamentais para a comunicação em diferentes esferas sociais, tanto os básicos quanto os mais complexos. Eles desempenham um papel crucial em diversas atividades humanas, não apenas na atualidade, mas desde a antiguidade, e possuem uma relevância histórica e cultural muito significativa. De fato, como destaca Antunes (2002), a funcionalidade dos gêneros é fundamental para a organização e o desenvolvimento da sociedade.

Os gêneros são histórico-culturais, isto é, sedimentam-se em momentos e em espaços da vida das comunidades; isto é, cada lugar e cada época são marcados pela predominância de certos gêneros, os quais, nesta contingência, podem aflorar permanecer, modificar-se, transmutar-se, desaparecer; na verdade, os grupos sociais é que regulam as condições do percurso que os gêneros realizam. (ANTUNES, 2002, p. 69)

Quando a autora fala que os gêneros são histórico-culturais, significa que eles não são fixos e imutáveis, e sim que se sedimentam ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais. Cada época e lugar tem seus próprios gêneros textuais predominantes, que são influenciados pelas práticas sociais e discursivas de cada comunidade. Por isso, os gêneros não têm uma existência isolada, mas sim estão inseridos em práticas sociais que lhes atribuem significado e função. Assim, um mesmo gênero pode se manifestar de maneiras diferentes em contextos distintos, e pode sofrer alterações e transformações ao longo do tempo, conforme as demandas e as condições sociais de cada momento. Nesse sentido, são os grupos sociais que acabam regulando as condições pelas quais os gêneros textuais se desenvolvem e mudam, de acordo com as suas necessidades comunicativas e as suas formas de organização social.

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais estão historicamente vinculados à cultura e ao meio social contribuem para organizar e estabilizar as situações comunicativas do dia-a-dia. Dessa forma, para o autor, os gêneros, apesar de possuírem alto valor preditivo e interpretativo, não são instrumentos de ação criativa. Para ele, os gêneros são eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, ou seja, se estabelecem com as necessidades das atividades socioculturais, partindo principalmente das inovações tecnológicas que surgem na sociedade, o que explicaria a quantidade exacerbada de gêneros emergentes.

Isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sociodiscursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer (MARCUSCHI, 2008, p.1).

A ideia de que os gêneros textuais podem ser definidos mais por suas funções comunicativas do que por suas características linguísticas sugere que esses gêneros podem ser usados de maneiras diferentes em diferentes contextos de comunicação. Além disso, essa flexibilidade pode ser explorada para criar novos tipos de gêneros textuais em resposta às mudanças sociais e culturais. Dessa forma, o uso dos gêneros textuais pode contribuir para a construção e adaptação contínua da linguagem em sociedade. De acordo com o autor, a perspectiva de Bakhtin (1997) e Bronckart (1999) de que a comunicação verbal depende de um gênero é fundamental quando examinada sob os aspectos discursivos e enunciativos, indo além das características formais e adotando uma visão mais interativa e funcional dos gêneros na sociedade. Essa abordagem enfatiza a importância do contexto e da interação social na criação e no uso dos gêneros textuais, destacando a natureza dinâmica e adaptável das formas de comunicação em nossa sociedade.

Contudo, existem gênero e tipo textual, que apesar de familiaridade possuem diferenças que devem ser entendidas corretamente antes de prosseguir a discussão. Embora esses termos sejam comumente conhecidos e utilizados, sua distinção correta é fundamental para a compreensão e comunicação eficaz de ideias.

O gênero textual refere-se às diferentes categorias que podem ser encontradas na comunicação escrita ou falada, como cartas, notícias, artigos acadêmicos, crônicas, poemas, entre outros. Cada um desses gêneros possui características específicas, como estilo, estrutura e linguagem, que os distinguem uns dos outros.

Por outro lado, o tipo textual diz respeito à finalidade comunicativa da escrita ou fala, classificando o texto em narrativos, descritivos, argumentativos ou expositivos. Essa categorização leva em consideração a intenção do autor ao produzir o texto e o impacto pretendido no leitor ou ouvinte.

Entender essas diferenças é essencial porque cada tipo e gênero textual possui expectativas diferentes quanto ao conteúdo, linguagem e estrutura. Portanto, é importante identificar corretamente o tipo e o gênero do texto para produzir e interpretar adequadamente um discurso. Além disso, essa distinção também pode ajudar a melhorar a qualidade da comunicação em diferentes contextos, como na produção de textos acadêmicos, na elaboração de discursos políticos ou na redação de relatórios.

Em suma, compreender a distinção entre tipo e gênero textual é um passo importante para garantir uma comunicação clara e eficaz tanto na produção quanto na interpretação de textos.

Dessa forma, Marcuschi (2008) estabelece a diferença entre gêneros e tipos textuais. Estes são caracterizados por elementos discursivos específicos, como estratégias argumentativas, recursos de coesão e coerência e estilo. O autor defende que, apesar de suas diferenças superficiais, os diferentes tipos textuais compartilham uma relação comum com a sociedade e seu repertório linguístico e cultural, e que sua compreensão é essencial para a análise e produção de textos eficazes e significativos. A diferença fundamental entre tipo e gênero textual é que os tipos são estruturas retóricas ou formas prototípicas de organizar os textos, independentemente do contexto de produção, enquanto os gêneros são formas textuais que emergem e se estabilizam dentro de um contexto sócio comunicativo específico, como uma situação de interação, um domínio de atividade ou uma esfera social.

Os tipos textuais são, portanto, estruturas abrangentes que compõem os diferentes gêneros e que se definem pela presença de características formais e retóricas comuns, como narração, descrição, dissertação, entre outros. Os gêneros, por sua vez, são socialmente reconhecidos e associados a finalidades comunicativas específicas, como o artigo de opinião, a notícia jornalística, a carta

de reclamação, entre outros. Um gênero do discurso pode agregar diferentes tipos textuais, dependendo da sua função social.

Enquanto os tipos textuais orientam a organização dos textos de forma geral, os gêneros textuais são limitados e definidos por contextos sócio comunicativos específicos, estando diretamente relacionados a práticas sociais e discursivas de um determinado grupo ou comunidade.

2.2 O GÊNERO CONTO

Desde os primórdios da humanidade, foi costume criar histórias para explicar fenômenos que não possuíam provas concretas, sejam eles de origem natural ou fantasiosa. Ao longo da história da humanidade, tem sido comum a criação de narrativas como forma de explicar fenômenos que não possuem evidências concretas, sejam eles de origem natural ou fictícia. Para Magalhaes (1972), o conto é uma das formas mais antigas de representação da ficção, criado por comunidades que não tinham a tradição de escrita, e por isso eram predominantemente orais. Inclusive o conto era utilizado pelos índios da região amazônica como forma de retratar histórias de bichos e mitos de forma leve e informal.

De longínqua e milenar história – alguns remontam sua origem a contos egípcios de 4000 anos antes de Cristo –, sua evolução confunde-se com a história da própria humanidade e suas profundas transformações, passando pelo período bíblico e a história de Caim e Abel, pelos contos do Oriente e as mil e uma noites, pelos contos eróticos de Bocaccio e pelas novelas exemplares de Cervantes. Mas é no século XIX que o conto se desenvolve enquanto gênero a partir de estudiosos e teóricos como os Irmãos Grimm e Edgar Allan Poe. (SPALDING, 2008, p. 13)

Spalding (2008) afirma que os contos datam de séculos passados. Sofreram mudanças no decorrer da história, tendo sofrido o processo de transmutação entre um gênero primário e um secundário (BAKHTIN, 1997). O gênero primário seriam as narrações orais, transmutadas ao longo dos anos em secundários (escritos). Contudo, somente no século XIX é que o conto se legitima como gênero com a criação do gênero ficção como é conhecido atualmente.

Existem algumas complicações quando se faz uma comparação entre romance e conto, tendo em vista que ambos possuem composição estrutural parecida, no que se refere a enredo, personagens, espaço e cronologia. No entanto, é possível realizar uma distinção entre os dois gêneros através de uma observação detalhada, como afirma Magalhães (1972, p.11) “Uma das formas mais simplistas para distinguir entre o conto e o romance é a que toma como ponto de referência a extensão de um e de outro. ”

O conto é uma narrativa curta e possui caráter descritivo, sem a mesma profundidade ou desenvolvimento de personagens que se pode encontrar em um romance, porém, são parecidos em estrutura narrativa, pois apresentam o mesmo tipo textual. Costa (2014) define o conto como uma narrativa mais curta, de configuração mais material e narrativa pouco extensa, em contraste com o romance e a novela. O conto traz outras características como um número reduzido de personagens, um esquema temporal mais econômico, um pouco mais restrito e com menos ações e concentra-se em eventos não focados em intrigas.

O autor também afirma que as características do conto estão ligadas a fatores socioculturais e circunstâncias pragmáticas. O gênero tem sua origem em histórias populares que, com sua função lúdica e moralizante, prende a atenção da plateia nas comunidades, tratando-se da atmosfera mágica do “era uma vez...” presente também no gênero lenda. Por fim, o conto é um gênero literário antigo que tem sua origem nas tradições orais de diversas culturas ao redor do mundo. Relatos curtos e simples eram contados de boca em boca, passando de geração em geração, contando histórias de mitos, lendas, fábulas, parábolas entre outros. Com o tempo, essas tradições foram registradas por escrito e aprimoradas no decorrer da história. Dessa forma, Gotlib (1990) apresenta uma noção sobre o conto como forma de relato no enunciado abaixo:

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl Castagnino. A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. Há, naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa. Mas a questão não é tão simples assim. (GOTLIB, 1990, p.8)

Conforme a apresentação da autora, o conto não tem a intenção de ser realista em sua autenticidade, o que torna complicado analisar quando pensamos que a narrativa procura contar uma história, independente de ela ser verdadeira ou não. Além disso, pode-se dizer que, devido à natureza compacta do conto, há uma ênfase na economia de palavras e na simplicidade da estrutura narrativa em vez da descrição detalhada, o que contribui para sua natureza mais alegórica ou simbólica. Assim sendo, Costa (2008) afirma que:

Os gêneros literários são, portanto, formas textuais que se agrupam por similaridade e que, partindo de um núcleo comum, sofrem alterações, ao longo do tempo, em atendimento às necessidades de expressão dos escritores de diferentes gerações. (COSTA, 2008, p. 20).

Segundo a autora, os gêneros literários são categorias que foram desenvolvidas para classificar e agrupar as obras literárias de acordo com características similares. Essas formas textuais se originaram a partir de um núcleo comum, que pode ser visto como um conjunto de características e convenções estilísticas que são associadas a um determinado gênero literário. Com o passar do tempo, essas convenções estilísticas e características centrais dos gêneros literários podem sofrer alterações, devido à evolução da língua, mudanças culturais e sociais, bem como as necessidades de expressão dos escritores de diferentes gerações.

Edgar Allan Poe é considerado um dos maiores contistas da literatura mundial por muitos críticos e estudiosos da literatura moderna. (POE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre, Acesso em: 16 abr. 2023.) Seu trabalho com narrativas curtas é considerado excepcional, influente e inovador. Suas histórias muitas vezes tratam de temas como morte, mistério, terror e insanidade, e são caracterizadas por uma prosa exagerada e cheia de imagens. A obra de Poe continua a influenciar escritores e leitores em todo o mundo até hoje. O autor apresenta uma nova maneira de elaborar uma construção narrativa, especialmente o gênero ficção.

O autor frequentemente escrevia sobre a construção do conto e sua importância na literatura. Em seu ensaio "Filosofia da Composição" (1846), Poe descreve sua teoria sobre a criação de uma história, explicando que um conto deve ser construído a partir de um "efeito único e completo", que deve ser decidido antecipadamente pelo autor. Poe enfatizava a importância do uso de técnicas literárias específicas, como a estrutura, o ritmo, a imagem, a caracterização e o clímax, para alcançar o efeito desejado. O autor acreditava que a ação narrativa deve ser cuidadosamente organizada e disposta em torno do efeito único que o autor visa provocar no leitor. Ele também argumentou que o conto é uma obra de arte que deve ser construída com precisão e habilidade, e que cada elemento deve ter um propósito específico e contribuir para alcançar o efeito desejado. Para Poe, a construção do conto era uma das principais preocupações da literatura e a chave para a criação de uma obra de arte duradoura e significativa. (POE, 1846)

Essa visão de Poe pode ser relacionada com os estudos de Bakhtin (1997) quando realiza a separação entre os gêneros primários e secundários, mostrando novamente que o gênero secundário (conto) necessita de mais elaboração do que um gênero primário (narração oral) como já apresentado.

Para o autor, o conto traz em sua composição em forma de prosa o conteúdo necessário para se elaborar o processo de efeito. Diferente do poema, por exemplo, que, apesar de possuir uma composição mais rimada, não consegue estabelecer o efeito de duração necessário, tendo em vista seu tempo utilizado para a leitura. O conto, por possuir uma narração em prosa mais dialogada e precisa, além de precisar ser lido com mais calma, pode estabelecer um efeito de sentido maior no leitor.

No conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção. (POE, 1842, citado por GOTLIB, 1990, p. 20)

Para o autor, com o conto, pratica-se a leitura de forma mais interessante e como forma de reflexão, já que, através da teoria de unidade e efeito, o leitor se sente mais preso a um texto idealizado em forma de prosa do que a um texto

versificado (o poema). Essa ideia se realiza quando pensamos em leitores novos, os quais se sentem mais atraídos por textos ficcionais em prosa do que por textos rimados, fraseológicos ou formais.

Na literatura brasileira, há nomes importantes de contistas como Machado de Assis, Dalton Trevisan, Álvares de Azevedo, Murilo Rubião e Clarisse Lispector. Muitos deles utilizaram essa forma de narrativa para criar efeitos emocionais e surpreender seus leitores. Alguns autores, utilizaram essa forma para criar histórias novas e originais, enquanto outros recontaram histórias já existentes, mas de uma maneira diferente. Independentemente da escolha do escritor, o conto tem sido um meio popular e eficaz para contar histórias.

Quando falamos na região norte, os contos também estão em evidência, dando destaque ao autor Inglês de Souza, um dos mais conhecidos escritores da literatura amazônica. Introdutor do naturalismo na literatura brasileira, através de seu romance *O coronel sangrado*, publicado em 1877, o autor possui uma coletânea de contos da região intitulado *Contos amazônicos*, publicado em 1893, onde fala, acima de tudo, da história do Brasil com um olhar naturalista e descritivo. Trata-se de uma época turbulenta politicamente, com muitas revoltas, em especial a revolta da Cabanagem, ocorrida na antiga província do Grão-Pará no período de 1835 a 1840.

3. A SEQUENCIA DIDÁTICA - PRISMA TEÓRICO

Os estudos sobre gêneros textuais representam um campo de conhecimento abrangente, cuja aplicação no contexto educacional tem sido objeto de interesse há anos, constituindo-se como uma importante fonte de pesquisa. É imprescindível o ensino adequado dos gêneros textuais no contexto educacional. Os professores de língua portuguesa buscam constantemente aplicar diferentes metodologias no ensino-aprendizagem do português. Entre as diversas metodologias de ensino adotadas em sala de aula, destaca-se a sequência didática, por seu caráter interativo e composicional.

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.82), a sequência didática envolve “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. O principal objetivo da sequência didática, doravante chamada SD, é ensinar, de forma produtiva, o uso de diferentes gêneros textuais nas diferentes situações de interação, apresentando de forma sistemática a função social, as características, os meios de apresentação e a composição dos gêneros estudados. A SD trata, de forma mais didática, o gênero textual em sala de aula, facilitando sua apropriação e uso por parte dos alunos.

Dolz et al. (2004, p. 83) esclarecem que

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficientes; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos;
(DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 83)

Os autores defendem, no texto acima, que o trabalho escolar realizado por meio de SD contribui para que o aluno domine diferentes gêneros do discurso, permitindo-lhe melhor domínio das habilidades de escrita e fala.

Não pretendemos aqui estabelecer, de forma definitiva, quais gêneros devem ser abordados em sala de aula. Essa escolha depende da realidade específica em que o educador irá atuar. A seleção de um gênero é determinada pela esfera de comunicação, pelo conjunto de participantes e pela vontade expressiva do locutor (BAKHTIN, 1979).

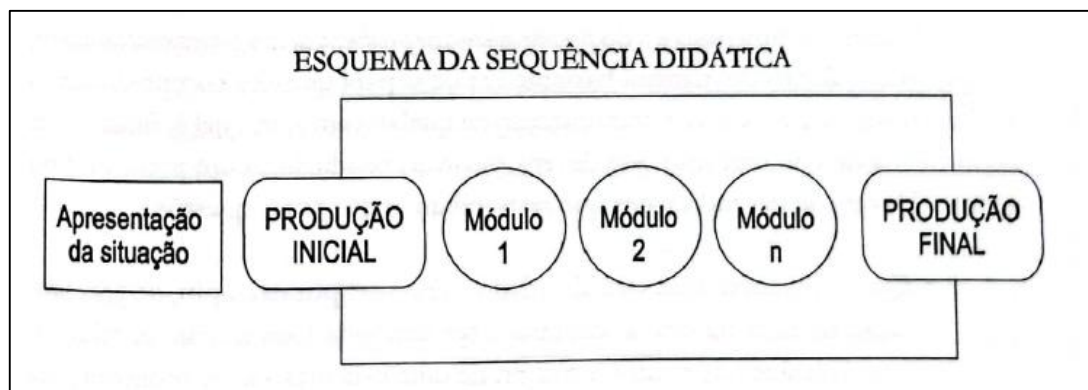
Dentre os diversos gêneros literários já empregados no meio educacional, como crônicas, poemas, charges e tirinhas, alguns são considerados mais exemplares e enriquecedores para o ensino de leitura e escrita. Neste estudo, nós nos concentramos no gênero conto, buscando demonstrar como o processo de aprendizagem pode ser criativo por meio da SD.

3.1 ESTRUTURA / ORGANIZAÇÃO

A utilização dos autores é frequente em trabalhos que objetivam o uso da sequência didática como ferramenta de aprendizagem, principalmente ao elaborarem definições para a separação e organização. Por meio da SD, o docente pode organizar as atividades de forma interativa voltadas para o ensino-aprendizagem produtivo.

Dolz et al. (2004) propõem a organização das SD conforme quadro abaixo:

FIGURA I



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.83)

Para os autores, uma SD parte do primeiro ponto denominado *apresentação da situação*; em seguida vem a *produção inicial*; depois, os *módulos*, cujo número é o docente quem define; por último, vem a *produção final*.

Na *apresentação da situação* é um passo importante para o docente realizar uma sondagem, observando o comportamento dos alunos diante do gênero apresentado e buscando entender as dificuldades do destes para, assim, fazer as intervenções necessárias

A produção inicial é o segundo passo. É importante para a identificação das dificuldades por parte do aluno em relação ao gênero estudado. Essa produção será uma espécie de teste em que o professor poderá identificar as dificuldades do aluno. Com a produção inicial, espera-se identificar problemas relacionados à escrita, à leitura, à oralidade e à escuta.

Após a produção inicial, o docente aplicará os módulos, por meio dos quais fará intervenções cujas propostas pedagógicas envolvam a solução das dificuldades dos alunos em relação à estrutura e à função do gênero estudado, aos fenômenos linguísticos etc.

Os módulos devem ser variados. Envolvem as propostas de intervenção sobre a aprendizagem do gênero, pensados com o intuito de alinhar o estudo do gênero de forma correta. Esses módulos podem se dividir em leitura, ortografia, variação linguística... ou qualquer outra dificuldade que possa ser encontrada durante o estudo do gênero em sala de aula. Sua função é suprir dificuldades linguísticas do aluno.

Quando pensamos no ensino dos gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciado” (Bakhtin 1979, p.282), compreendemos que uma SD é essencial para a aprendizagem deles, possibilitando aos alunos compreender, de forma mais clara, a função dos gêneros na sociedade, bem como suas características e importância social. Para tanto, é fundamental que as informações sejam expostas de maneira clara e objetiva dentro da SD.

Segundo Zabala (1998, p. 18), uma SD é um modelo metodológico que envolve “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas...”. O autor explica que para desenvolver uma sequência de atividades, três pontos são importantes: planejamento, aplicação e avaliação. Então, o uso da SD requer uma avaliação do que se deseja ensinar, o que implica um planejamento adequado para atingir o objetivo estabelecido. É responsabilidade do professor monitorar e avaliar o processo de ensino em execução, com o intuito de evitar que a abordagem dele se desassocie da realidade dos alunos. Ao mesmo tempo em que se busca a criatividade no processo educativo, é necessário um equilíbrio entre essas duas premissas.

Segundo Oliveira (2013), para socializar e produzir novos conhecimentos, é necessário um planejamento que permita a realização de atividades dinâmicas e produtivas. O professor é responsável por conduzir o processo de interação entre o aluno e gênero estudado. É fundamental que a abordagem seja interacionista, permitindo que os alunos compreendam de maneira clara a aplicação dos gêneros no cotidiano. Para esse fim, a sequência didática (SD) desempenha um papel importante.

Um processo sequencial propicia um ambiente interativo de aprendizagem. A SD é uma metodologia didática dinâmica e produtiva cujas atividades são correlacionadas e executadas em progressão. O ensino bem estruturado das atividades propostas é fundamental para que os alunos possam cumpri-las de forma satisfatória. A organização sequencial das atividades possibilita um ensino eficaz.

Considerando as diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular, é essencial que os educandos do ciclo fundamental, especialmente a partir do último segmento, desenvolvam proficiências em relação às habilidades de leitura e escrita. O ensino por meio da SD possibilita essa proficiência.

Diante das diversas propostas pedagógicas para o ensino, é fundamental que educadores e gestores escolares conheçam as diferentes abordagens e metodologias de ensino disponíveis. É importante lembrar que não existe uma única proposta pedagógica ideal, mas sim aquela que atende às especificidades dos estudantes e às demandas da sociedade em que estes estão inseridos. É necessário que sejam realizadas reflexões críticas e avaliações constantes acerca do processo de ensino-aprendizagem, a fim de garantir uma educação de qualidade e capaz de formar cidadãos críticos, reflexivos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

4. METODOLOGIA

Neste estudo, apresentamos uma proposta pedagógica que possa auxiliar os alunos em suas dificuldades de leitura e escrita. A proposta é uma sequência didática (SD) em que será estudado o gênero conto. O público alvo são alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Tomé-Açu. A SD inclui atividades voltadas para a leitura, a compreensão, a interpretação e a produção de textos.

A justificativa da SD é baseada na percepção do declínio das habilidades interpretativas e de leitura no ensino básico. Essa queda pode ter consequências muito negativas no futuro, uma vez que o ensino fundamental serve de alicerce para o ensino médio. Portanto, a proposta tem como objetivos gerais e específicos: GERAL: Destacar o gênero conto como estratégia de aprendizagem no desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de texto. ESPECÍFICOS: identificar as características do gênero conto; compreender a importância do gênero conto para os processos de leitura e produção textual; desenvolver uma proposta de intervenção didática para o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de texto, com alunos do 9º. ano por meio do gênero conto.

Por meio da SD e após sua aplicação, o professor (a) poderá afirmar com clareza que os alunos conseguiram desenvolver e aprimorar suas habilidades de leitura e escrita. A segunda parte do trabalho será a aplicação da proposta sugerida, com intenção de identificar de acordo com os resultados, que os objetivos foram atingidos. Foi escolhido focar os estudos no gênero conto para assim possibilitar ao aluno explorar diferentes aspectos do tipo textual narrativo, desde a construção de personagens até a prática criativa. Compreender a importância do gênero conto para os processos de leitura e produção textual é fundamental, visto que, permite ao aluno utilizar conhecimentos adquiridos em diferentes áreas da vida, como no trabalho, na escola e no lazer. A leitura de contos colabora para o desenvolvimento da imaginação, do vocabulário e da criatividade, além de auxiliar no entendimento de diferentes culturas. A produção de contos permite aos alunos o desenvolvimento de sua própria criatividade e capacidade de escrita, uma vez que esses textos não seguem um modelo único. Os contos são formas de narrativas curtas, que permitem ao escritor criar histórias com começo, meio e fim em um espaço limitado. Por não ter um formato

fixo, os alunos têm a oportunidade de explorar diferentes estilos de narrativa, experimentar formas de linguagem, escolher personagens e temas.

Ao criar um conto, os alunos precisam usar a imaginação para construir uma história que possa prender a atenção do leitor e fazê-lo se envolver com a trama. E essa liberdade criativa ajuda a desenvolver a escrita, permitindo que os alunos experimentem o próprio estilo e descubram o poder das palavras para transmitir diferentes emoções.

Ao se sentir mais à vontade com a escrita dos contos, os alunos têm a possibilidade de explorar outros tipos de narrativa, como a poesia ou o romance. Além disso, quando são encorajados a compartilhar suas histórias com a turma, eles podem receber feedbacks construtivos para melhorar suas habilidades de escrita e comunicação.

O desenvolvimento de um efetivo trabalho em sala de aula, voltado ao desenvolvimento de habilidades de leitura e produção textual por meio do gênero conto pode ser uma ótima opção para fomentar o interesse dos alunos pela leitura e melhorar a capacidade cognitiva deles ao longo de toda a vida.

O planejamento das aulas seguirá a abordagem metodológica sugerida por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Os autores fornecem conceitos e técnicas para o ensino de gêneros textuais, tanto orais como escritos, em sala de aula, por meio da SD. Segundo os autores, a SD é iniciada no primeiro ponto da apresentação da situação, seguida pela produção inicial e, posteriormente, pelos módulos, que são definidos pelo docente, culminando na produção final.

A SD é composta por quatro partes: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. A apresentação da situação é o início da situação de aprendizagem, que visa contextualizar e motivar os estudantes para o aprendizado. A produção inicial é a primeira atividade que os estudantes realizam para explorar a situação, colocando-os em contato com os conceitos e princípios a serem aprendidos. Depois disso, vêm os módulos, que podem ser diversas atividades, conteúdos ou projetos, que são organizados e planejados pelo docente. Por fim, a produção final conclui a SD, desafiando os estudantes a sintetizar e aplicar o conhecimento adquirido durante o processo.

Dolz et al. (2004) propõem a divisão da SD em produção inicial, módulos e produção final. Esta SD se constitui de 14 horas/aulas de 45 minutos, perfazendo um total de 630 minutos. Está dividida da seguinte maneira: produção inicial – 2 h/a; 5 módulos de 2 h/a cada; produção final – 2 h/a. Os módulos estão divididos conforme segue: 1) Conceituação de contos; 2) O tipo textual mais recorrente nos contos; 3) O uso do gênero conto como ferramenta para aprimorar a escrita criativa¹ e 4) Variação linguística presente nos contos. 5) Construção de um texto narrativo.

No início do curso, o professor fará a apresentação da situação, mostrando a importância do gênero conto e da SD e explicando como está estruturada a SD, mostrando cada etapa como segue:

Produção inicial: nesta etapa, os docentes farão uma atividade de sondagem dos conhecimentos dos alunos sobre o gênero, buscando identificar se os discentes já leram ou ouviram algum conto. Em seguida, o professor lerá, em voz alta, o conto Acauã para que os alunos percebam as características de um conto. Por último, o professor pedirá aos alunos que produzam um conto com um tema previamente estabelecido para avaliar as habilidades de escrita do aluno. Essa produção inicial ainda não será para avaliar os conhecimentos do aluno sobre o conto. Ela deverá ser utilizada para avaliar a produção final, para verificar quais os avanços do aluno em relação ao domínio do gênero conto ao final da sequência didática.

O módulo I - **conceituação dos contos** (2 h/a) – diz respeito aos elementos essenciais para a construção de um conto bem estruturado, como a definição do que é um conto, suas características e tipos, a escolha do tema e da mensagem que se deseja veicular, a escolha do narrador e do ponto de vista e a importância da linguagem e da ambientação. O objetivo é fornecer ao aluno as ferramentas necessárias para que ele possa elaborar uma história curta e

¹ Entenda-se a escrita criativa como uma forma de explorar a individualidade de cada aluno, utilizando sua criatividade para desenvolver uma história única de autoria própria

coesa, capaz de prender a atenção do leitor e transmitir uma mensagem clara e impactante.

O módulo II - **O tipo textual mais recorrente nos contos** (2 h/a) - se refere ao tipo narrativo utilizado com mais frequência na estruturação dos contos. Nesse módulo, o aluno irá estudar as características da narração, seu objetivo e seu funcionamento nos contos. Também são explorados outros elementos importantes que compõem a narração, como a organização cronológica dos eventos, a descrição dos personagens, a importância do enredo e a utilização de recursos literários para criar atmosfera e tensão.

Neste módulo também se discutirá a narração nos contos para que o aluno possa compreender melhor como funciona essa tipologia textual. Através de exemplos práticos e das orientações teóricas oferecidas, espera-se que o aluno possa utilizar, de forma efetiva, a narração na construção de suas próprias histórias curtas.

O módulo III - **o uso do gênero textual conto como ferramenta para aprimorar a escrita criativa** (2 h/a) - utilizará o gênero textual conto como uma ferramenta para desenvolver a habilidade de escrita criativa dos alunos. Neste módulo, os alunos irão aprender a construir uma história focada em um tema específico, utilizando uma narrativa curta e objetiva.

Será ensinado como trabalhar com a linguagem, como criar personagens interessantes e como construir enredos cativantes. Os alunos também irão aprender a usar diferentes estratégias, como a elaboração de pontos de virada, a criação de suspense e a utilização de diálogos para avançar a narrativa.

Foram escolhidos três contos para serem trabalhados, todos do autor Inglês de Souza em seu livro *Contos Amazônicos*. São eles: *A Feiticeira*, *Acauã* e *A Quadrilha de Jacob Patacho*. Os contos foram selecionados com o objetivo de introduzir aos alunos a literatura amazônica e o autor inglês de Souza, uma referência importante nessa área. As histórias possuem um aspecto fantástico que as torna interessantes, proporcionando assim uma experiência rica sobre a região amazônica. Um conto em especial, *A Quadrilha de Jacob Patacho*, é destacado por sua relação histórica com a Cabanagem, um período de agitação política no Brasil, especialmente no estado do Pará.

Um dos principais objetivos deste módulo é incentivar os alunos a experimentar diversos estilos de escrita para que possam continuar desenvolvendo suas habilidades de escrita criativa. Desse modo, os contos escolhidos podem ajudar no desenvolvimento dessas habilidades.

O módulo IV – **Análise linguística: variação Linguística** (2 h/a) - mostrará como a variação linguística pode ser identificada e explorada nos contos. Este módulo irá discutir diferentes variações linguísticas, tais como: jargões, gírias e estrangeirismos. Serão estudadas marcas linguísticas dessas variações, como pronomes de tratamento. Os alunos irão aprender a identificar essas marcas linguísticas e a utilizá-las de forma consciente em suas próprias histórias.

Neste módulo, também será enfatizada a importância do contexto em que as variações linguísticas são empregadas, para que não sejam utilizadas de forma inadequada ou estereotipada. Além disso, os alunos também serão orientados sobre a importância do equilíbrio entre a assimilação dos elementos linguísticos e a legibilidade da narrativa. No final do módulo, espera-se que os alunos tenham maior sensibilidade para identificar e explorar as diferentes marcas linguísticas presentes nos contos, especialmente na literatura amazônica.

O módulo V – **Construção de um texto narrativo** (2 h/a) - mostrará como fornecer uma estrutura e um guia para os alunos produzir narrativas coerentes e envolventes. O módulo destaca os aspectos essenciais que devem ser considerados ao elaborar-se um texto narrativo, desde o desenvolvimento de personagens até a estruturação da trama. Os alunos serão ensinados a desenvolver uma ideia central e a desdobrá-la, criando personagens coerentes e bem construídos, ambiente rico em detalhes que promovam uma imersão maior do leitor, além de conflitos e tramas que deem força ao enredo. Os elementos fundamentais da narrativa serão apresentados de forma clara e didática, desde a apresentação dos personagens, passando pela construção do enredo, pontos de virada, clímax e conclusão.

Produção Final: nessa parte, o aluno colocará em prática todos os conhecimentos aprendidos na SD que culminarão com a produção de um conto. Para essa etapa, serão reservadas 2 h/a. Após as discussões desenvolvidas nos módulos, o aluno terá as ferramentas necessárias para a produção de um conto. Espera-se que o discente use a sua criatividade para escrever um conto bem estruturado e envolvente, capaz de prender a atenção do leitor do início ao fim.

Por fim, será reservado um momento para a socialização do gênero criado, realizando-se uma pequena exposição dos contos produzidos pelos alunos na biblioteca escolar ou na sala de aula para que todas as turmas tenham acesso aos trabalhos produzidos pelos alunos e, desse modo, os trabalhos dos contistas sejam valorizados e reconhecidos por seus colegas, pelo professor e pela própria escola. Essa é uma ótima maneira de despertar e incentivar talentos que estavam escondidos.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO CONTO

A habilidade de leitura e escrita é essencial para o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes, mas muitos deles enfrentam dificuldades nessa área. Neste contexto, apresentamos uma proposta pedagógica, a saber: uma sequência didática (SD) do gênero conto, que vai auxiliar os alunos do 9º ano do ensino fundamental a superarem suas limitações na leitura e na escrita. A SD proposta inclui uma série de atividades planejadas e estruturadas que visam proporcionar aos alunos uma experiência significativa e divertida de aprendizado, fortalecendo sua capacidade de interpretar e produzir textos de forma clara e coesa.

SEQUENCIA DIDÁTICA

TÍTULO: O gênero conto nos anos finais do ensino fundamental: leitura e produção de texto

PUBLICO ALVO: 9º ano do fundamental

DURAÇÃO: 14 aulas (45 minutos cada)

DURAÇÃO DOS MÓDULOS: 10 aulas (45 minutos cada)

OBJETIVOS

GERAL

- ✓ Analisar o gênero conto como estratégia de aprendizagem no desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de texto.

ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar as características do gênero conto;
- ✓ Compreender a importância do gênero conto para os processos de leitura e produção textual;
- ✓ Desenvolver uma proposta de intervenção didática para o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de texto, com alunos do 9º. ano por meio do gênero conto.

ETAPAS:

- Apresentação da situação (produção inicial)
- Conceituação dos contos;
- O tipo textual mais recorrente nos contos;
- O uso do gênero conto como ferramenta para aprimorar a escrita criativa;
- Análise linguística: variação linguística;
- Construção de um texto narrativo
- Produção Final

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa proposta didática poderá ser aplicada em turmas de alunos do 9º ano do ensino fundamental. É dividida em 14 aulas de 45 minutos cada (flexível a mudanças de acordo com a turma), separadas através de cinco módulos. Essas aulas deverão ser explicativas, interativas e práticas. A SD inicia com a apresentação do gênero proposto; em seguida, é feita a apresentação das características do gênero, o tipo textual predominante e como o gênero pode ajudar na escrita criativa e, por último, é feita a produção final. Os recursos utilizados são pincel, quadro branco, datashow, dinâmicas interativas.

5.1 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO (PRODUÇÃO INICIAL) (duas aulas de 45 minutos)

Caro professor (a), realize uma sondagem dos conhecimentos de seus alunos sobre o gênero proposto antes de iniciar os módulos. Siga os tópicos abaixo. É importante destacar que se deve observar o contexto de sua sala de aula antes. Observe quais alunos sentem mais dificuldades com as atividades e, se preciso, realize ajustes nos procedimentos metodológicos apresentados, caso seja necessário. Além disso peça para os alunos realizarem uma produção inicial, para avaliar o nível dos alunos em relação a escrita.

ATIVIDADE 1 – SONDAGEM

- Explique aos alunos que irão realizar um estudo dos conhecimentos deles sobre o gênero conto;
- Pergunte se eles sabem o que é um conto e incentive-os a compartilhar suas definições;
- Pergunte se já leram ou tiveram algum contato com um conto como o de fadas por exemplo;
- Peça para que escrevam uma lista de contos lidos;
- Convide os alunos a compartilharem suas respostas em voz alta com os colegas;
- Solicite que os alunos escrevam pequeno texto narrativo de autoria própria e tema livre de no máximo uma lauda e entreguem ao professor;

O objetivo dessa atividade é estimular o interesse dos alunos pelo gênero literário conto, promover a participação ativa deles no processo de ensino e aprendizagem e avaliar as habilidades de escrita. Perguntar aos alunos sobre o que eles entendem por conto e se sabem a diferença entre conto e outras narrativas como romance, por exemplo, é importante para identificar o conhecimento prévio dos alunos e para esclarecer eventuais dúvidas conceituais. Questionar sobre quais contos eles já ouviram, quem contou e qual conto foi, tem a finalidade de incentivar os alunos a compartilharem suas experiências e ampliar o repertório literário da turma. Indagar se eles já leram algum conto e onde foi, busca identificar as fontes de leitura dos alunos e como eles têm contato com o gênero conto. Pedir para que produzam um pequeno texto narrativo de no máximo uma página como forma de avaliar a escrita, tem o objetivo de verificar as habilidades de escrita dos alunos e de incentivar a prática da escrita criativa.

5.2 MÓDULOS

Além da produção inicial e da produção final, a proposta possui cinco módulos distribuídos num total de 10 aulas de 45 minutos cada. O objetivo desses módulos é proporcionar ao aluno um entendimento amplo sobre os contos, suas características e elementos principais. Também buscam analisar o tipo textual mais frequente nos contos, destacar o uso do gênero como ferramenta para aprimorar a escrita criativa, estudar a variação linguística e apresentar técnicas para a construção de um texto narrativo, culminando com a produção final do aluno.

MODULO I – CONCEITUAÇÃO DOS CONTOS **(Duas aulas de 45 minutos)**

Caro professor (a), no modulo I realize inicialmente uma apresentação aos alunos sobre o gênero a ser discutido. Reserve um momento para os alunos realizarem uma atividade sobre o conto *Acauã*, como exemplo, para que consigam identificar as características do conto na prática, observando a forma, o tipo textual predominante, a brevidade dos acontecimentos, a pouca profundidade dos personagens, o espaço onde a narrativa se apresenta e como todos esses aspectos se agrupam dentro do texto.

Um conto é uma forma de narração curta que possui uma estrutura fechada, com uma introdução, desenvolvimento e conclusão. Geralmente, apresenta um único evento principal ou uma história completa, que pode ter um caráter literário ou folclórico.

O conto possui uma dimensão breve, com a ênfase na concisão e economia de palavras, buscando transmitir uma mensagem com poucos elementos. É uma forma de expressão literária que permite explorar diferentes temas, personagens e situações narrativas em uma narrativa mais compacta.

As referências ao conto são variadas e podem ser encontradas em diferentes períodos literários e culturas ao redor do mundo. Alguns dos principais escritores que se destacaram na produção de contos incluem:

Edgar Allan Poe: é conhecido como um dos mestres do conto, com histórias macabras e de mistério, como "O Gato Preto" e "A Queda da Casa de Usher".

Guy de Maupassant: autor francês que explorava as nuances da natureza humana em contos como "O Colar" e "A Chevelha".

Machado de Assis: um dos grandes escritores brasileiros, que produziu contos marcados pela ironia e crítica social, como "Miss Dollar" e "O Alienista".

Clarice Lispector: autora brasileira conhecida por sua prosa introspectiva e contemplativa, com contos como "Amor" e "A Via Crucis do Corpo".

Italo Calvino: escritor italiano que explorou os limites da imaginação e da fantasia em contos como "As Cidades Invisíveis" e "O Cavaleiro Inexistente".

Essas são apenas algumas referências, pois a produção de contos é vasta e diversificada em diferentes literaturas e culturas.

O gênero literário do conto apresenta várias características distintas, as quais podem ser respondidas através das perguntas mencionadas:

O que é um conto?

Um conto é uma forma de narrativa curta e ficcional que se concentra em um evento ou acontecimento específico. Ele apresenta uma trama mais concisa e limitada em relação a outros gêneros literários, como o romance.

Quais são as características do conto?

Economia de palavras: o conto utiliza uma linguagem precisa e concisa, evitando qualquer informação desnecessária.

Unidade de efeito: o conto procura causar um impacto único e duradouro no leitor, geralmente centrado em um momento de revelação, choque ou reflexão.

Foco em um único evento ou conflito central: o conto se concentra em um único acontecimento ou conflito, mantendo a atenção do leitor em torno desse ponto central.

Personagens desenvolvidos de forma concisa: os personagens do conto são geralmente apresentados de forma mais breve e com menos detalhes do que em romances, mas ainda têm personalidades distintas e relevantes para a trama.

Qual é o formato narrativo do conto?

O conto geralmente possui uma estrutura narrativa mais direta e concisa. Ele pode ser contado em primeira ou terceira pessoa, dependendo da preferência do autor. Em muitos casos, o narrador é um observador onisciente que tem acesso à mente de vários personagens.

Qual é o tipo textual mais recorrente no conto?

O tipo textual mais recorrente no conto é o narrativo. O autor utiliza a narrativa para contar uma história, desenvolver personagens, criar conflitos e, em última instância, transmitir uma mensagem ou reflexão ao leitor.

Quais são os tipos de conto?

Existem diferentes tipos de conto, que variam de acordo com suas temáticas, estilos e estruturas. Alguns exemplos são:

Conto de fadas: contos que envolvem elementos mágicos, muitas vezes com uma lição moral implícita.

Conto realista: contos que retratam situações e personagens do cotidiano, com um foco na verossimilhança.

Conto de suspense: contos que envolvem tensão, mistério e uma sensação de perigo iminente.

Conto de ficção científica: contos que exploram temas relacionados à ciência, tecnologia e seus impactos na sociedade.

Conto de terror: contos que têm como objetivo provocar medo e horror nos leitores.

Quais são os tipos de enredo no conto?

Dentro do conto, existem diferentes tipos de enredo, tais como:

Enredo linear: segue uma sequência cronológica dos eventos.

Enredo em flashbacks: introduz eventos que ocorreram antes do presente narrativo.

Enredo cíclico: retorna ao mesmo ponto onde começou criando um ciclo narrativo.

Enredo em moldura: utiliza uma história dentro de outra, sendo uma espécie de "conto dentro do conto".

É importante mencionar que essas características e tipos de conto podem variar dependendo da abordagem do autor e de suas preferências criativas.

Atividade 01

Escola: _____

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: _____

Data: __/__/__

Aluno: _____

Leia o trecho do conto a seguir

ACAUÃ

[...] O CAPITÃO JERÔNIMO FERREIRA, morador da antiga vila de S. João Batista de Faro, voltava de uma caçada a que fora para distrair-se do profundo pesar causado pela morte da mulher, que o deixara subitamente só com uma filhinha de dois anos de idade. Perdida a calma habitual de velho caçador, Jerônimo Ferreira transviou-se e só conseguiu chegar às vizinhanças da vila quando já era noite fechada.

Felizmente, a sua habitação era a primeira, ao entrar na povoação pelo lado de cima, por onde vinha caminhando, e por isso não o impressionaram muito o silêncio e a solidão que a modo se tornavam mais profundos à medida que se aproximava da vila. Ele já estava habituado à melancolia de Faro, talvez o mais triste e abandonado dos povoados do vale do Amazonas, posto que se mire nas águas do Nhamundá, o mais belo curso d'água de toda a região. Faro é sempre deserta. A menos que não seja algum dia de festa, em que a gente das vizinhas fazendas venha ao povoado, quase não se encontra viva alma nas ruas. Mas se isso acontece à luz do sol, às horas de trabalho e de passeio, à noite a solidão aumenta. As ruas, quando não sai a lua, são de uma escuridão pavorosa. Desde as sete horas da tarde, só se ouve na povoação o pio agoureiro do murucutu ou o lúgubre uivar de algum cão vagabundo, apostando queixumes com as águas múrmuras do rio. Fecham-se todas as portas. Recolhem-se todos, com um terror vago e incerto que procuram esconjurar, invocando:

— Jesus, Maria, José!

Vinha, pois, caminhando o capitão Jerônimo a solitária estrada, pensando no bom agasalho da sua fresca rede de algodão trançado e lastimando-se de não chegar a tempo de encontrar o sorriso encantador da filha, que já estaria dormindo. Da caçada nada trazia, fora um dia infeliz, nada pudera encontrar, nem ave nem bicho, e ainda em cima perdera-se e chegava tarde, faminto e cansado. Também quem lhe mandara sair à caça em sexta-feira? Sim, era uma sexta-feira, e quando depois de uma noite de insônia se resolvera a tomar a espingarda e a partir para a caça, não se lembrara que estava num dia por todos conhecido como aziago, e especialmente temido em Faro, sobre que pesa o fado de terríveis malefícios. [...]

² Texto na íntegra - <https://bit.ly/3NWh87K>

Responda as questões abaixo:

- 1) No texto acima, quais os elementos que podem ser identificados como características do gênero conto?

- 2) De acordo com o texto, em que espaço ou cenário a narrativa se passa?

- 3) Quantos personagens e quantos diálogos foram apresentados no texto?

- 4) Assinale qual tipo de narrador o texto apresenta:
 - a) Narrador Observador
 - b) Narrador Personagem
 - c) Narrador Onisciente

- 5) Assinale que tipo de conto é o texto:
 - a) Conto de Terror
 - b) Conto de Fadas
 - c) Conto Realista
 - d) Conto Fantástico
 - e) Conto de Humor
 - f) Conto Psicológico
 - g) Conto Popular

MODULO II – O TIPO TEXTUAL MAIS RECORRENTE NOS CONTOS

(Duas aulas de 45 minutos)

Caro professor (a), nesse módulo, busque apresentar aos alunos o tipo textual predominante nos contos. Para tanto, esteja atento à diferença existente entre gênero e tipo textual. Recomenda-se um aprofundamento nesse assunto, para que fique claro para os alunos essa diferença. Ademais, realize atividades de perguntas e análises textuais sobre trechos dos contos aqui apresentados, como forma de praticar o assunto ministrado, para então observar se os alunos conseguiram cumprir os requisitos. É essencial que estes consigam diferenciar gênero de tipo textual e, principalmente, consigam identificar as características desse tipo no corpo do texto.

Gênero e tipo textual, qual a diferença?

Tipos e gêneros textuais são duas categorias que são frequentemente usadas para classificar os diferentes tipos de textos que encontramos na comunicação escrita. Embora possam ser usados indistintamente, esses termos têm algumas diferenças sutis que vale a pena mencionar.

Tipos textuais: Referem-se às estruturas linguísticas, características formais e organização textual geral. Os tipos textuais são classificados pela maneira como a informação é organizada e transmitida. Alguns exemplos comuns de tipos textuais são: narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo e injuntivo. Cada tipo textual segue uma estrutura específica e tem um propósito comunicativo distinto.

Gêneros textuais: Referem-se aos diferentes formatos, estilos e propósitos comunicativos dos textos. Os gêneros textuais são classificados pela função social e comunicativa. Alguns exemplos de gêneros textuais são: notícia, texto publicitário, carta de amor, crônica, poema, editorial, resenha, artigo científico, entre outros. Cada gênero textual possui características específicas, como vocabulário, estilo de escrita e estrutura textual, que são adaptadas para atender às necessidades comunicativas de uma determinada situação social.

Em resumo, enquanto os tipos textuais estão relacionados à organização e estrutura do texto, os gêneros textuais estão relacionados ao formato, propósito e função comunicativa do texto. Os tipos textuais são mais abstratos e genéricos, enquanto os gêneros textuais são mais específicos e contextualizados.

Os elementos de um gênero textual podem variar dependendo do tipo de texto em questão, mas alguns elementos comuns incluem:

Estrutura: Os gêneros textuais têm uma estrutura específica que pode variar dependendo do propósito e da função comunicativa. Isso pode incluir uma introdução, desenvolvimento e conclusão, seções específicas, como corpo do texto, argumentos, exemplos, entre outros.

Linguagem: Cada gênero textual possui um tipo de linguagem apropriado. Isso inclui o uso adequado de vocabulário, estilo de escrita, registros linguísticos, figuras de linguagem, entre outros elementos linguísticos específicos para cada gênero.

Propósito: Cada gênero textual tem um propósito comunicativo específico, seja informar, persuadir, entreter, relatar, explicar, descrever, entre outros. O propósito do gênero textual guia a estrutura e os elementos do texto.

Público-alvo: Cada gênero textual também tem um público-alvo específico em mente, o qual influencia a escolha do registro linguístico, estilo de escrita e abordagem geral do texto.

Quanto aos contos, eles podem se enquadrar no tipo textual narrativo. O tipo narrativo é o mais recorrente nos contos, uma vez que os contos são histórias que apresentam uma sequência de eventos narrados em uma estrutura linear. O objetivo do conto é entreter o leitor através de uma narrativa ficcional curta que geralmente tem um foco em um único evento, personagens e conflito. A estrutura do conto costuma seguir uma introdução, desenvolvimento da trama, clímax e conclusão.

No caso do gênero conto, podemos identificar alguns elementos típicos de outros gêneros textuais que podem estar presentes em sua composição. Alguns exemplos são: **Elementos narrativos**: o conto é um gênero narrativo, portanto é comum encontrar elementos como a presença de um narrador, personagens, ações, conflitos e uma sequência de eventos que compõem a trama. **Elementos descritivos**: muitos contos incluem descrições detalhadas de cenários, ambientes, objetos ou personagens, com o objetivo de enriquecer a imaginação do leitor e criar uma atmosfera adequada à história. **Diálogos**: os diálogos são comumente utilizados nos contos, permitindo que os personagens se comuniquem verbalmente entre si e dando mais dinamismo à narrativa. **Elementos fantasiosos**: especialmente nos contos de fadas ou de cunho mais fantástico, é possível encontrar elementos como seres mágicos, eventos sobrenaturais ou situações impossíveis na realidade, que contribuem para a construção do enredo. **Elementos simbólicos**: em alguns contos, os elementos simbólicos são utilizados para transmitir mensagens ou representar conceitos abstratos, podendo ser encontrados em personagens, objetos ou situações. **Estrutura geral**: embora existam variações de estrutura, é comum que o conto possua uma introdução, desenvolvimento e um desfecho, com um clímax que envolve algum tipo de transformação ou resolução do conflito apresentado.

É importante ressaltar que o conto enquanto gênero textual tem particularidades próprias e, muitas vezes, é caracterizado pela sua brevidade, economia de palavras e concisão narrativa. Dessa forma, nem todos os elementos presentes em outros gêneros textuais estarão necessariamente presentes em um conto. A variação dependerá do estilo do autor e das características específicas da obra.

ATIVIDADE: IDENTIFICANDO O TIPO TEXTUAL DO CONTO *A QUADRILHA DE JACOB PATACHO*³

Distribua uma cópia do conto *A quadrilha de Jacob Patacho* para cada aluno.

- Explique aos alunos que eles precisarão identificar o tipo textual predominante no conto.
- Revise com a turma os diferentes tipos textuais (narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo e injuntivo) e suas características principais.
- Peça para que os alunos leiam o conto individualmente, prestando atenção nas características do texto.
- Peça aos alunos para anotar suas observações sobre o conto, destacando elementos que indicam o tipo textual mais recorrente.
- Após a leitura e análise do conto, reúna a turma para discutir suas conclusões.
- Permita que cada aluno compartilhe suas observações, destacando exemplos específicos do conto que os levaram a identificar um tipo textual predominante.
- Como professor, guie a discussão para que os alunos cheguem à conclusão de que o conto *A quadrilha de Jacob Patacho* é predominantemente narrativo, uma vez que é uma história fictícia que apresenta sequências de eventos e personagens.

MODULO III – O USO DO GÊNERO CONTO COMO FERRAMENTA PARA APRIMORAR A ESCRITA CRIATIVA

(Duas aulas de 45 minutos)

Caro professor (a), no módulo III, busque mostrar aos alunos como o gênero apresentado pode auxiliar no aprimoramento da escrita. Nesse módulo, o foco será apresentar aos alunos como a leitura e a escrita estão ligadas. Realize atividades práticas de leitura para que os alunos possam perceber essas características e como elas poderão auxiliar na produção escrita no próximo módulo.

³ Texto na íntegra em anexo

ATIVIDADE: EXPLORANDO O GÊNERO CONTO E SUA INFLUÊNCIA NA ESCRITA CRIATIVA⁴

Objetivo: Promover a compreensão do gênero conto e como ele pode auxiliar na escrita criativa.

Materiais necessários: Cópias dos contos *Acauâ*, *A Feiticeira* e *A Quadrilha de Jacob Patacho*, de Inglês de Souza, lápis e papel.

Instruções:

- Distribua uma cópia de cada conto (*Acauâ*, *A Feiticeira* e *A Quadrilha de Jacob Patacho*) para cada aluno.
- Explique que o objetivo da atividade é entender como o gênero conto pode auxiliar na escrita criativa.
- Incentive os alunos a lerem os contos individualmente, prestando atenção nas características do gênero e em quais elementos os autores utilizaram para contar suas histórias.
- Após a leitura dos contos, organize a turma em grupos de três ou quatro alunos.
- Peça para que cada grupo discuta as características do gênero conto presentes nos contos lidos, como enredo curto e conciso, personagens, ambiente, foco na ação, entre outros elementos.
- Em seguida, peça para cada grupo escolher um dos contos e criar uma lista das características presentes nele.
- Mostre, agora, como essas características podem auxiliá-los no desenvolvimento de uma história original, assim como fez o autor lido. Incentive-os a ver como podem criar um novo enredo, personagens, ambiente em uma nova história.
- Por fim, incentive os alunos a refletir sobre como o gênero conto pode ser um ponto de partida para a escrita criativa, fornecendo estrutura e direção para as histórias.

⁴ Textos completos na íntegra - <https://bit.ly/3K1rUbl>

MODULO IV – ANÁLISE LINGUÍSTICA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NOS CONTOS

(Duas aulas de 45 minutos)

Caro professor (a), no modulo IV, busque despertar nos alunos um olhar analítico para palavras diferentes encontradas nos contos lidos. Explique como a variação linguística funciona e como esses traços podem influenciar no entendimento do texto narrativo. Procure mostrar aos alunos trechos dos contos nos quais o autor utiliza palavras diferentes. Muitas palavras são típicas da região amazônica, outras têm influência portuguesa. Peça aos alunos que pesquisem o significado das palavras para uma melhor compreensão.

A variação linguística pode ser explicada por meio das características dos gêneros textuais. Cada gênero apresenta uma forma de comunicação particular e, portanto, uma linguagem característica. Em um gênero como o poema é comum encontrar uma linguagem mais figurada, com uso de metáforas, rimas e ritmo. Já em um manual de instruções, a linguagem técnica é literal, mais objetiva e precisa.

Além disso, cada gênero pode ser associado a determinados contextos sociais e culturais, o que também influencia na variação linguística. Por exemplo, a linguagem utilizada em uma conversa informal entre amigos pode conter expressões coloquiais e gírias, enquanto uma conversa formal em um ambiente profissional exigirá uma linguagem mais formal. Dessa forma, os gêneros textuais são essenciais para compreender e explicar a variação linguística, pois cada gênero possui características próprias que atendem ao contexto e à finalidade comunicativa.

As variações linguísticas nos contos lidos

A variação linguística nos contos de Inglês de Souza refere-se à diversidade de formas e estilos de linguagem presentes nas suas obras, que podem ser influenciadas por diversos fatores socioculturais, regionais ou até mesmo individuais. Essa variação ocorre tanto na escolha de vocabulário e estruturas gramaticais quanto na pronúncia e entonação das palavras.

Um teórico importante no estudo da variação linguística é William Labov. Labov propôs a teoria da Variação e Mudança Linguística, que explora como as diferenças na linguagem ocorrem em diferentes grupos sociais e regiões geográficas. Segundo o autor "não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (LABOV, 2008, p. 21). Ele sugere que a variação linguística ocorre principalmente devido a diferentes formas de prestígio social, representação de identidade e solidariedade entre grupos.

No contexto dos contos de Inglês de Souza, podemos observar a variação linguística como uma representação dos diferentes personagens e ambientes presentes nas histórias. Por exemplo, os personagens de diferentes classes sociais ou regiões geográficas podem ser retratados com vocabulários, gírias e sotaques distintos. Essa variação linguística contribui para a construção de uma identidade individual ou coletiva nas histórias de Souza.

Assim, a compreensão da variação linguística nos contos de Inglês de Souza nos permite apreciar a riqueza da diversidade linguística e cultural retratada em suas obras, além de ressaltar a importância da linguagem como expressão da identidade e das relações sociais.

ATIVIDADE: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTO *A FEITICEIRA*⁵

- Inicie a atividade explicando aos alunos o conceito de variação linguística, enfatizando que a forma como falamos e escrevemos pode variar de acordo com fatores como região geográfica, nível de formalidade e contexto social.
- Distribua cópias do conto *A Feiticeira* para cada aluno.
- Peça aos alunos para lerem o conto individualmente, enquanto marcam e destacam trechos em que identifiquem alguma forma de variação linguística.
- Após a leitura, divida a turma em grupos de quatro ou cinco alunos e peça para que compartilhem e discutam os trechos que marcaram em seus contos. Eles devem analisar e discutir as palavras diferentes presentes.

⁵ Texto completo na íntegra - <https://bit.ly/44I7M6s>

- Em seguida, solicite que cada grupo apresente à turma um exemplo destacado, explicando a forma de variação linguística identificada (como gírias, expressões regionais ou níveis de formalidade, por exemplo).
- Anote as diferentes formas de variação linguística identificadas pelos grupos no quadro.
- Promova uma discussão em sala de aula, discutindo as características da variação linguística presente no conto e os efeitos que ela tem na narrativa. Faça perguntas estimulantes como: "Qual o papel da variação linguística na construção dos personagens?", "Como a variação linguística ajuda a ambientar a história?" e "Como a variação linguística contribui para a riqueza do conto?".
- Para a conclusão da atividade, estimule os alunos a refletirem sobre a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística, enfatizando que a variação linguística faz parte da nossa cultura e identidade.

MODULO V – CONSTRUÇÃO DE UM TEXTO NARRATIVO EM DUPLA

(Duas aulas de 45 minutos)

Caro professor (a), no modulo V, aborde elementos para a construção de um conto. Neste momento, os alunos deverão fortalecer as regras que devem ser seguidas para a elaboração do gênero. Revise assuntos relacionados à estrutura de um texto narrativo, retomando o que foi apresentado no Modulo I: os aspectos de organização, a utilização da linguagem adequada, pontuação, introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho.

ATIVIDADE 1: Explorando os elementos para a construção de um texto narrativo

Objetivo: A atividade tem como objetivo explorar os diferentes elementos utilizados na construção de um texto narrativo, aprimorando as habilidades de escrita dos participantes.

Material necessário:

- Papel

- Canetas ou lápis coloridos
- Folhas de papel com palavras-chave (opcional)
- Cronômetro ou relógio

a) Introdução (10 minutos):

Explique aos alunos que eles irão participar de uma atividade criativa para aprimorar sua habilidade na escrita de textos narrativos. Deixe claro que o objetivo da atividade é trabalhar os elementos indispensáveis na construção de uma narrativa.

b) Apresentação dos elementos (10 minutos):

Em um quadro ou em folhas de papel, apresente os seguintes elementos que compõem um texto narrativo:

- Personagem: quem conta a história e quem participa dela;
- Local: onde a história acontece;
- Tempo: quando a história ocorre;
- Enredo: a sequência de ações que ocorrem na história;
- Conflito: problema ou obstáculo que a personagem precisa enfrentar;
- Clímax: momento de maior tensão ou virada na história;
- Desfecho: como a história termina.

Explique brevemente cada elemento e dê alguns exemplos para uma melhor compreensão.

c) Atividade principal - Construção da narrativa (25 minutos):

Divida os participantes em duplas ou pequenos grupos. Peça que cada grupo escolha um líder para registrar as respostas.

Cada dupla ou grupo deverá criar uma narrativa utilizando os elementos apresentados. Eles devem criar uma história com personagens, local, tempo, enredo, conflito, clímax e desfecho. É importante incentivar a criatividade e a originalidade.

d) Apresentação das narrativas (25 minutos):

Cada grupo deverá apresentar a sua narrativa ao restante da turma. Incentive os participantes a fazerem uma leitura dramatizada ou a ilustrarem algum trecho da história, se desejarem.

e) Discussão em grupo (10 minutos):

Após cada apresentação, permita que os outros participantes façam perguntas ou deem sugestões sobre a história apresentada. Incentive a reflexão sobre os elementos utilizados e como eles contribuíram para tornar a narrativa mais interessante.

f) Reflexão final e conclusão (10 minutos):

Promova uma discussão sobre a importância dos elementos trabalhados na construção de um texto narrativo. Pergunte aos participantes como eles se sentiram ao realizar a atividade e se notaram alguma melhoria em suas habilidades de escrita.

Observações:

- Se preferir, distribua folhas de papel com palavras-chave relacionadas aos elementos da narrativa para auxiliar os participantes durante a construção da história.

- Monitore o tempo para que todas as etapas sejam concluídas dentro do período estabelecido.

- Incentive um ambiente seguro e respeitoso para que todos possam compartilhar suas ideias e opiniões.

5.3 PRODUÇÃO FINAL: PRODUZINDO UM CONTO

(Duas aulas de 45 minutos cada)

Caro professor (a), neste momento os alunos deverão colocar em prática o que foi ensinado nos módulos anteriores. Incentive-os a produzir um conto de no máximo 5 laudas, levando em conta todos os aspectos já ensinados nos módulos. Não esqueça de avaliar se a produção final superou a produção inicial após o estudo do gênero. Faça questão de mostrar aos alunos sua evolução.

ATIVIDADE: PRODUÇÃO ESCRITA

- Título da atividade: "Crie seu próprio conto"

- Objetivo: Estimular a criatividade, a escrita e a imaginação dos alunos, promovendo o desenvolvimento da linguagem escrita e a capacidade de criar histórias.

- Materiais necessários:
 - Cadernos ou folhas em branco
 - Lápis ou canetas
 - Dicionários
 - Cópias dos contos lidos

- Descrição da atividade:

Peça aos alunos que escolham um tema para o conto. Pode ser algum assunto pelo qual eles se interessem, uma história que gostariam de contar ou um tema pré-determinado pela turma. É interessante também que o tema seja desafiador e estimule a imaginação dos alunos.

Após a produção escrita, é importante que os alunos revisitem seus contos. Incentive-os a fazer leituras em voz alta para identificar possíveis ajustes na fluidez e clareza da história.

A produção escrita será avaliada conforme os critérios estabelecidos nesta SD.

6. AVALIAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO FINAL

Observação: Lembre-se de incentivar a criatividade e valorizar o esforço de todos os alunos durante o desenvolvimento da atividade. O processo de criação é tão importante quanto o resultado final.

6.1 AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO FINAL

A avaliação será processual e deverá ser separada em duas partes: a primeira, ocorrerá observando se os alunos cumpriram todas as atividades com êxito e se os alunos compreenderam como funciona o gênero e quais as características de um texto narrativo. A segunda parte, será focada no gênero produzido, para verificar se a Leitura e a Escrita dos alunos melhoraram após o estudo do gênero. Compare com a produção inicial, analisando o desenvolvimento dos alunos sobre a produção do gênero conto.

➤ QUADRO AVALIATIVO

Leitura em grupo:

Socialização do conto com outros grupos	Identificação de palavras diferentes encontradas no texto	Participação nas atividades propostas
1-3 pontos	0-4 pontos	1-3 pontos

Construção do conto:

Descritor	0 a 2 pontos
Demonstra domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.	
Desenvolveu um texto nos padrões de um conto (Início, desenvolvimento, clímax e desfecho)	
A introdução apresenta os personagens e o ambiente em que a história se passa. O desenvolvimento explora as ações, os conflitos e os desafios enfrentados pelos personagens. A conclusão fecha a história de uma forma envolvente	
Demonstra conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de um texto.	
Descrever os personagens do conto com criatividade, apontando detalhes sobre sua aparência física, a personalidade.	

6.2 SOCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO FINAL

Como modo de socializar os aprendizados sobre o gênero, realize uma pequena exposição dos contos produzidos pelos alunos na biblioteca escolar ou na sala de aula para que todas as turmas tenham acesso aos trabalhos produzidos pelos alunos. Desse modo, os alunos poderão ser reconhecidos pelos colegas, pelo professor e pela própria escola, além de ser uma ótima maneira de despertar e incentivar futuros talentos escondidos.

7. CONCLUSÃO

A utilização da sequência didática do gênero conto constitui uma estratégia eficaz para aprimorar o desempenho em leitura e escrita dos alunos do 9 ano do ensino fundamental. Além de ser uma proposta pedagógica que se julga ser atrativa, que pretende engajar os estudantes de forma prazerosa e significativa, também permite o desenvolvimento de habilidades importantes para a vida. A partir do estudo do conto, os alunos irão ampliar seu vocabulário, sua capacidade de interpretação de textos, sua criatividade na produção escrita e oral e, conseqüentemente, aprimorar a sua capacidade comunicativa. Assim, a aplicação de uma sequência didática que englobe o gênero conto é uma alternativa válida para auxiliar no desenvolvimento acadêmico e pessoal dos alunos.

É importante destacar que este trabalho possui duas partes, a primeira já realizada com a elaboração de uma proposta didática como apresentado acima. No entanto, o trabalho possui uma segunda parte, a aplicação da proposta, somente após isso o professor (a) comprovará que os objetivos foram alcançados de acordo com os resultados. Ao final da aplicação da sequência didática, será afirmado que os alunos conseguiram desenvolver habilidades importantes na leitura e escrita que poderão ser aplicadas nas mais diversas áreas de seus estudos.

8. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, Gêneros Textuais e Ensino: Considerações Teóricas e Implicações Pedagógicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-289

DOLZ, J., NOVERRAZ, M. & SCHNEUWLY, B. **Gêneros Orais e Escritos na escola.**/ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

COSTA, M. M. **Teoria da Literatura II**. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto, **Dicionário de gêneros textuais**/ Sérgio Roberto Costa. - 3. ed. rev. ampl.; 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

EDGAR ALLAN POE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Edgar Allan Poe&oldid=65704052](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Edgar_Allan_Poe&oldid=65704052)>. Acesso em: 16 abr. 2023.

FERNANDES, Márcia. Conto. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/conto/>. Acesso em: 18 jun. 2023

FERNANDES, Márcia. O que é variação linguística (tipos e exemplos). **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/variacoes-linguisticas/>. Acesso em: 18 jun. 2023

GOTLIB, N.B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: _____. Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MUSIALAK, B. M., ROBARSZKIEVICZ, F. C. M, **Gênero conto: possibilidade de uso em sala de aula**, os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor, pde, artigos, versão online, Paraná, 2013.

NABOKOV, V. (1981). **Palestras sobre a literatura russa**. (M. A. Santarrita, Trad.). Ed. Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1981).

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

POE, Edgar Allan. "**A Filosofia da Composição**". In: Graham's Magazine, April 1846.

SPALDING, M. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. Dissertação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: GÊNERO CONTO. [S. l.], 10 maio 2018. Disponível em: <https://linguadinamica.wordpress.com/2018/05/10/sequencia-didatica-genero-conto/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SOUSA, Inglês de. **Contos amazônicos**, Coleção Acervo Brasileiro, Cadernos do Mundo Inteiro, Volume 1, Jundiaí, São Paulo, 2017.

UGALDE, M. C. P; ROWEDER, C. Sequência didática: uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem. **Revista de Estudos e Pesquisa sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 6, Edição Especial, e099220, 2020.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa como ensinar**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Reimpressão 2010. Porto Alegre: Artmed, 1998

ANEXO A

8

A QUADRILHA DE JACOB PATACHO

ERAM SETE HORAS, A NOITE estava escura, e o céu ameaçava chuva.

Terminara a ceia, composta de cebola cozida e pirarucu assado, o velho Salvaterra dera graças a Deus pelos favores recebidos; a sora Maria dos Prazeres tomava pontos em umas velhas meias de algodão muito remendadas; a Anica enfiava umas contas destinadas a formar um par de braceletes, e os dois rapazes, espreguiçando-se, conversavam em voz baixa sobre a última caçada. Alumiava as paredes negras da sala uma candeia de azeite, reinava um ar tépido de tranquilidade e sossego, convidativo do sono. Só se ouviam o murmúrio brando do Tapajós e o ciciar do vento nas folhas das pacoveiras. De repente, a Anica inclinou a linda cabeça, e pôs-se a escutar um ruído surdo que se aproximava lentamente.

— Ouvem? — perguntou.

O pai e os irmãos escutaram também por alguns instantes, mas logo concordaram, com a segurança dos habitantes de lugares ermos:

— É uma canoa que sobe o rio.

— Quem há de ser?

— A estas horas — opinou a sora Maria dos Prazeres — não pode ser gente de bem.

— E por que não, mulher? — repreendeu o marido — isto é alguém que segue para Irituia.

— Mas quem viaja a estas horas? — insistiu a timorata mulher.

— Vem pedir-nos agasalho, redarguiu. — A chuva não tarda, e esses cristãos não de querer abrigar-se.

A sora Maria continuou a mostrar-se apreensiva. Muito se falava então nas façanhas de Jacob Patacho, nos assassinatos que a miúdo cometia; casos estupendos se contavam de um horror indizível: incêndios de casas depois de pregadas as portas e janelas para que não escapassem à morte os moradores. Enchia as narrativas populares a personalidade do terrível Saraiva, o tenente da quadrilha cujo nome não se pronunciava sem fazer arrepiar as carnes aos pacíficos habitantes do Amazonas. Félix Salvaterra tinha fama de rico e era

português, duas qualidades perigosas em tempo de cabanagem. O sítio era muito isolado e grande a audácia dos bandidos. E a mulher tinha lágrimas na voz lembrando estes fatos ao marido.

Mas o ruído do bater dos remos n'água cessou, denotando que a canoa abicara ao porto do sítio. Ergueu-se Salvaterra, mas a mulher agarrou-o com ambas as mãos:

— Onde vais, ó Felix?

Os rapazes lançaram vistas cheias de confiança às suas espingardas, penduradas na parede e carregadas com bom chumbo, segundo o hábito de precaução naqueles tempos infelizes; e seguiram o movimento do pai. A Anica, silenciosa, olhava alternativamente para o pai e para os irmãos.

Ouviram-se passos pesados no terreiro, e o cão ladrou fortemente. Salvaterra desprende-se dos braços da mulher e abriu a porta. A escuridão da noite não deixava ver coisa alguma, mas uma voz rústica saiu das trevas.

— Boa noite, meu branco.

Quem está aí? — indagou o português — Se é de paz, entre com Deus.

Então dois caboclos apareceram no círculo de luz projetado fora da porta pela candeia de azeite. Trajavam calças e camisa de riscado e traziam na cabeça grande chapéu de palha. O seu aspecto nada oferecia de peculiar e distinto dos habitantes dos sítios do Tapajós.

Tranquilo, o português afastou-se para dar entrada nos noturnos visitantes. Ofereceu-lhes da sua modesta ceia, perguntou-lhes donde vinham e para onde iam.

Vinham de Santarém, e iam a Irituia, à casa do tenente Prestes levar uma carga de fazendas e molhados por conta do negociante Joaquim Pinto; tinham largado do sítio de Avintes às quatro horas da tarde, contando amanhecer em Irituia, mas o tempo se transtornara à boca da noite, e eles, receando a escuridão e a pouca prática que tinham daquela parte do rio, haviam deliberado parar no sítio de Salvaterra, e pedir-lhe agasalho por uma noite. Se a chuva não desse, ou passasse com saída da lua para a meia-noite, continuariam a sua viagem.

Os dois homens falavam serenamente, arrastando as palavras no compasso preguiçoso do caboclo que parece não ter pressa de acabar de dizer. O seu aspecto nada oferecia de extraordinário. Um, alto e magro, tinha a aparência doentia; o outro reforçado, baixo, e de cara bexigosa, não era simpático à dona da casa, mas afora o olhar de lascívia torpe que dirigia a Anica, quando julgava que o não viam, parecia a criatura mais inofensiva deste mundo.

Depois que a sora Maria mostrou ter perdido os seus receios, e que a Anica serviu aos caboclos os restos da ceia frugal daquela honrada família, Salvaterra disse que eram horas de dormir. O dia seguinte era de trabalho e convinha levantar cedo para ir em busca da pequena e mais da malhada, duas vacas que

Ihe haviam desaparecido naquele dia. Então um dos tapuios, o alto, a quem o companheiro chamava cerimoniosamente Seu João, levantou-se e declarou que iria dormir na canoa, a qual, posto que muito carregada, dava acomodação a uma pessoa, pois era uma galeota grande. Salvaterra e os filhos tentaram dissuadi-lo do projeto, fazendo ver que a noite estava má e que a chuva não tardava, mas o tapuio, apoiado pelo companheiro, insistiu. Nada, que as fazendas não eram dele e Seu Pinto era um branco muito rusguento, e sabia lá Deus o que podia acontecer; os tempos não andavam bons, havia muito tapuio ladrão aí por esse mundo, acrescentava como um riso alvar, e de mais ele embirrava com esta história de dormir dentro de uma gaiola. Quanto à chuva pouco se importava, queria segurança e agasalho para as fazendas: ele tinha o couro duro e um excelente japá na tolda da galeota.

No fundo quadrava perfeitamente à sora Maria a resolução do Seu João, não só porque pensava que mais vale um hóspede do que dois, como também por Ihe ser difícil acomodar os dois viajantes na sua modesta casinha. Assim não duvidou aplaudir a lembrança, dizendo ao marido:

— Deixa lá, homem, cada um sabe de si e Deus de todos.

O caboclo abriu a porta e saiu acompanhado pelo cão de guarda, cuja cabeça amimava, convidando-o para Ihe fazer companhia, por via das dúvidas. A noite continuava escura como breu. Lufadas de um vento quente, prenúncio de tempestade, açoitavam nuvens negras que corriam para o sul como fantasmas em disparada. As árvores da beirada soluçavam, vergadas pelo vento, e grossas gotas de águas começavam a cair sobre o chão ressequido, de onde subia um cheiro ativo de barro molhado.

— Agasalhe-se bem, patrício — gritou o português ao caboclo que saía. E, fechando a porta com a tranca de pau, veio ter com a família.

Logo depois desejavam boa noite uns aos outros; o hóspede, que deu o nome de Manuel, afundou-se numa rede, que Ihe armaram na sala, e ainda não havia meia hora que saíra Seu João, já a sora Maria, o marido e os filhos dormiam o sono reparador das fadigas do dia, acalentado pela calma de uma consciência honesta.

A Anica, depois de rezar à Virgem das Dores, sua padroeira, não pudera fechar os olhos. Impressionara-a muito o desaparecimento da pequena e da malhada, que acreditava filho de um roubo, e sem querer associava na sua mente a esse fato as histórias terríveis que Ihe lembrara a mãe pouco antes, sobre os crimes diariamente praticados pela quadrilha de Jacob Patacho. Eram donzelas raptadas para saciar as paixões dos tapuios; pais de família assassinados barbaramente; crianças atiradas ao rio com uma pedra ao pescoço, herdades incendiadas, um quatro interminável de atrocidades inauditas que Ihe dançava diante dos olhos, e parecia reproduzido nas sombras fugitivas projetadas nas paredes de barro escuro do seu quartinho pela luz vacilante da candeia de azeite de mamona.

E por uma singularidade, que a rapariga não sabia explicar, em todos aqueles dramas de sangue e de fogo havia uma figura saliente, o chefe, o matador, o incendiário, demônio vivo que tripudiava sobre os cadáveres quentes das vítimas, no meio das chamas dos incêndios, e, produto de um cérebro enfermo, agitado pela vigília, as feições desse monstro eram as do pacífico tapuio que ela ouvia roncar placidamente no fundo da rede na sala vizinha. Mas por maiores esforços que a moça fizesse para apagar da sua imaginação a figura baixa e bexigosa do hóspede, rindo nervosamente da sua loucura, mal fechava os olhos, lá lhe apareciam as cenas de desolação e de morte, no meio das quais progrediam os olhos ardentes, o nariz chato e a boca desdentada do tapuio, cuja figura, entretanto, desenrolava-se inteira na sua mente espavorida, absorvendo-lhe a atenção e resumindo a tragédia feroz que o cérebro imaginava.

Pouco a pouco, procurando provar a si mesma que o hóspede nada tinha de comum com o personagem que sonhara, e que a sua aparência era toda pacífica, de um pobre tapuio honrado e inofensivo, examinando-lhe mentalmente uma a uma as feições, foi-lhe chegando a convicção de que não fora aquela noite a primeira vez que o vira, convicção que se arraigava no seu espírito, à medida que se lhe esclarecia a memória. Sim, era aquele mesmo; não era a primeira vez que via aquele nariz roído de bexigas, aquela boca imunda e servil, a cor azinhavrada, a estatura baixa e vigorosa, sobretudo aquele olhar indigno, desaforado, torpe que a incomodara tanto na sala, queimando-lhe os seios. Já uma vez fora insultada por aquele olhar. Onde? Como? Não podia lembrar-se, mas com certeza não era a primeira vez que o sentia. Invocava as suas reminiscências. No Funchal não podia ser; no sítio também não fora; seria no Pará quando chegara com a mãe, ainda menina, e acomodaram-se em uma casinha da rua das Mercês? Não; era mais recente, muito mais recente. Bem; parecia recordar-se agora.

Fora em Santarém, havia coisa de dois anos ou três, quando ali estivera com o pai para assistir a uma festa popular, o Sairé. Hospedarase então na casa do negociante Joaquim Pinto, patrício e protetor de seu pai, e foi ali, em uma noite de festa, quando se achava em companhia de outras raparigas sentada à porta da rua, a ver passar a gente que voltava de igreja, que se sentiu atormentada por aquele olhar lascivo e tenaz, a ponto de retirar-se para a cozinha trêmula e chorosa. Sim, nenhuma dúvida mais podia haver, o homem era um agregado de Joaquim Pinto, um camarada antigo da casa, por sinal que, segundo lhe disseram as mucamas da mulher do Pinto, era de Cametá e se chamava Manuel Saraiva.

Neste ponto de suas reminiscências, a Anica foi assaltada por uma ideia medonha que lhe fez correr um frio glacial pela espinha dorsal, ressecou-lhe a garganta, e inundou-lhe de suor a fronte. Saraiva! Mas era este o nome do famigerado tenente de Jacob Patacho, cuja reputação de malvadez chegara aos recônditos sertões do Amazonas, e cuja atroz e brutal lascívia excedia em horror aos cruéis tormentos que o chefe da quadrilha infligia às suas vítimas. Seria aquele tapuio de cara bexigosa e ar pacífico o mesmo salteador da baía do Sol e das águas dos Amazonas, o bárbaro violador de virgens indefesas, o bandido, cujo nome mal se pronunciava nos serões das famílias pobres e honradas, tal o

medo que incutia? Seria aquele homem de maneiras sossegadas e corteses, de falar arrastado e humilde o herói dos estupros e dos incêndios, a fera em cujo coração de bronze jamais pudera germinar o sentimento da piedade?

A ideia da identidade do tapuio que dormia na sala vizinha com o tenente de Jacob Patacho gelou-a de terror. Perdeu os movimentos e ficou por algum tempo fria, com a cabeça inclinada para trás, a boca entreaberta e os olhos arregalados, fixos na porta da sala; mas de repente o clarão de um pensamento salvador iluminou-lhe o cérebro; convinha não perder tempo, avisar o pai e os irmãos, dar o grito de alarma; eram todos homens possantes e decididos, tinham boas espingardas; os bandidos eram dois apenas, seriam prevenidos, presos antes de poderem oferecer séria resistência. Em todo o caso, fossem ou não fossem assassinos e ladrões, mais valia estarem os de casa avisados, passarem uma noite em claro do que correrem o risco de serem assassinados a dormir. Saltou da cama, enfiou as saias e correu para a porta, mas a reflexão fê-la estacar cheia de desânimo. Como prevenir o pai, sem correr a eventualidade de acordar o tapuio? A sala em que este se aboletara interpunha-se entre o seu quarto e o de seus pais; para chegar ao dormitório dos velhos era forçoso passar por baixo da rede do caboclo, que não podia deixar de acordar, principalmente ao ruído dos gonzos enferrujados da porta que, por exceção e natural recato da moça, se fechara aquela noite. E se acordasse seria ela talvez a primeira vítima, sem que o sacrifício pudesse aproveitar à sua família.

Um silvo agudo, imitante do canto do urutaí, arrancou-a a estas reflexões, e pondo os ouvidos à escuta, pareceu-lhe que o tapuio da sala vizinha cessara de ressonar. Não havia tempo a perder, se queria salvar os seus. Lembrou-se então de saltar pela janela, rodear a casa e ir bater à janela do quarto do pai. Já ia realizar esse plano quando cogitou de estar o outro tapuio, o Seu João, perto da casa para responder ao sinal do companheiro, e entreabriu com toda precaução a janela, espreitando pelo vão.

A noite estava belíssima.

O vento forte afugentara as nuvens para o sul, e a lua subia lentamente no firmamento, prateando as águas do rio e as clareiras da floresta. A chuva cessara inteiramente, e do chão molhado subia uma evaporação de umidade, que, misturada ao cheiro ativo das laranjeiras em flor, dava aos sentidos uma sensação de odorosa frescura.

A princípio a rapariga, deslumbrada pelo luar, nada viu, mas afirmando a vista percebeu umas sombras que se esgueiravam por entre as árvores do porto, e logo depois distinguiu vultos de tapuios cobertos de grandes chapéus de palha, e armados de terçados, que se dirigiam para a casa.

Eram quinze ou vinte, mas à rapariga de susto pareceu uma centena, porque de cada tronco de árvore a sua imaginação fazia um homem.

Não havia que duvidar. Era a quadrilha de Jacob Patacho que assaltava o sítio.

Todo o desespero da situação em que se achava apresentou-se claramente à inteligência da rapariga. Saltar pela janela e fugir, além de impossível, porque a

claridade da lua a denunciaria aos bandidos, seria abandonar seus pais e irmãos, cuja existência preciosa seria cortada pelo punhal dos sicários de Patacho durante o sono, e sem que pudessem defender-se ao menos. Ir acordá-los seria entregar-se às mãos do feroz Saraiva, e sucumbir aos seus golpes antes de realizar o intento salvador. Que fazer? A donzela ficou algum tempo indecisa, gelada de terror, com o olhar fixo nas árvores do porto, abrigo dos bandidos, mas de súbito, tomando uma resolução heroica, resumindo todas as forças em um supremo esforço, fechou rapidamente a janela e gritou com todo o vigor dos seus pulmões juvenis:

— Aqui d’el-rei! Os de Jacob Patacho!

A sua voz nervosa repercutiu como um brado de suprema angústia pela modesta casinha, e o eco foi perder-se dolorosamente, ao longe, na outra margem do rio, dominando o ruído da corrente e os murmúrios noturnos da floresta. Súbito rumor fez-se na casa até então silenciosa, rumor de espanto e de sobressalto em que se denunciava a voz rouca e mal segura de pessoas arrancadas violentamente a um sono pacífico; a rapariga voltou-se para o lado da porta da sala, mas sentiu-se presa por braços de ferro, ao passo que um asqueroso beijo, mordedura de réptil antes do que humana carícia, tapou-lhe a boca. O tapuio bexigoso, Saraiva, sem que a moça o pudesse explicar, entrara sorrateiramente no quarto, e se aproximara dela sem ser pressentido.

A indignação do pudor ofendido e a repugnância indizível que se apoderou da moça, ao sentir o contato dos lábios e do corpo do bandido, determinaram uma resistência que o seu físico delicado parecia não poder admitir. Uma luta incrível se travou entre aquela branca e rosada criatura seminua e o tapuio que a enlaçava com os braços cor de cobre, dobrando-lhe o talhe flexível sob a ameaça de novo contato de sua boca desdentada e negra, e procurando atirá-la ao chão. Mas a rapariga segurara-se ao pescoço do homem com as mãos crispadas pelo esforço espantoso do pudor e do asco, e o tapuio, que julgara fácil a vitória, e tinha as mãos ocupadas em apertar-lhe a cintura em um círculo de ferro, sentiu faltar-lhe o ar, opresso pelos desejos brutais que tanto o afogavam quanto a pressão dos dedos nervosos e afilados da vítima.

Mas se a sensualidade feroz do Saraiva, unida à audácia que lhe inspirara a consciência de terror causado por sua presença lhe fazia esquecer a prudência que tanto o distinguia antes do ataque, o brado de alarma solto pela rapariga dera aos quadrilheiros de Patacho um momento de indecisão. Ignorando o que se passava na casa, e as circunstâncias em que se achava o tenente comandante da expedição, cederam a um movimento de reserva, da índole do caboclo, e voltaram a esconder-se por detrás dos troncos de árvores que ensombravam a ribanceira. A moça ia cair exausta de forças, mas teve ainda ânimo para gritar com suprema energia:

— Acudam, acudam, que me matam!

Bruscamente o Saraiva largou a mão da Anica, e atirou-se para a janela, naturalmente para abri-la, e chamar os companheiros, percebendo que era

tempo de agir com resolução, mas a moça, advertindo-se do intento, atravessou-se no caminho com inaudita coragem, opondolhe com o corpo um obstáculo que de fácil remoção seria para o tapuio, se nesse momento, abrindo-se de par em par, a porta da sala não desse entrada a Félix Salvaterra, seguido por dois filhos, todos armados de espingardas. Antes que o tenente de Jacob Patacho tivesse podido defender-se, caía banhado em sangue com uma valente pancada no crânio que lhe deu o velho com a coronha da arma.

O português e os filhos mal despertos do sono, com as roupas em desalinho, não se deixaram tomar do susto e da surpresa, expressa em dolorosos gemidos pela sora Maria dos Prazeres, que, abraçada à filha, cobria-a de lágrimas quentes. Pai e filhos compreenderam perfeitamente a gravidade da situação em que se achavam; o silêncio e ausência do cão de guarda, sem dúvida morto à traição, e a audácia do tapuio bexigoso, mais ainda do que o primeiro grito da filha, do qual apenas haviam ouvido ao despertar o nome do terrível pirata paraense, os convenceram de que não haviam vencido o último inimigo, e enquanto um dos moços apontava a espingarda ao peito do tapuio, que banhado em sangue tinha gravados na moça os olhos ardentes de volúpia, Salvaterra e o outro filho voltaram à sala, com o fim de guardar a porta de entrada. Esta porta tinha sido aberta, achava-se apenas cerrada apesar de havê-la trancado o dono da casa quando despediu o caboclo alto. Foram os dois homens para pôr-lhe novamente a tranca, mas já era tarde.

Seu João, o companheiro de Saraiva, mais afoito do que os outros tapuios, chegara à casa, e percebendo que o seu chefe corria grande perigo, assobiou de um modo peculiar, e em seguida, voltando-se para os homens que se destacavam das árvores do porto, como visões de febre, emitiu na voz cultural do caboclo o brado que depois se tornou o grito de guerra da cabanagem:

— Mata marinheiro! Mata! Mata!

Os bandidos correram e penetraram na casa. Travou-se então uma luta horrível entre aqueles tapuios armados de terçados e de grandes cacetes quinados de maçaranduba e os três portugueses, que heroicamente defendiam o seu lar, valendo-se das espingardas de caça, que, depois de descarregados, serviram-lhes de formidáveis maças.

O Saraiva recebeu um tiro à queima-roupa, o primeiro tiro, pois que o rapaz que o ameaçava, sentindo entrarem na sala os tapuios, procurara livrar-se logo do pior deles, ainda que por terra e ferido: mas não foi longo o combate; enquanto mãe e filha, agarradas uma à outra, se lamentavam desesperada e ruidosamente, o pai e os filhos caíam banhados em sangue, e nos seus brancos cadáveres a quadrilha de Jacob Patacho vingava a morte de seu feroz tenente, mutilando-os de um modo selvagem.

Quando passei com meu tio Antônio em junho de 1832 pelo sítio de Félix Salvaterra, o lúgubre aspecto da habitação abandonada, sob cuja cumeeira um bando de urubus secava as asas ao sol, chamou-me a atenção; uma curiosidade doentia fez-me saltar em terra e entrei na casa. Ainda estavam bem recentes os

vestígios da luta. A tranquila morada do bom português tinha um ar sinistro. Aberta, despida de todos os modestos trastes que a ornavam outrora, denotava que fora vítima do saque unido ao instinto selvagem da destruição. Sobre o chão úmido da sala principal, os restos de cinco ou seis cadáveres, quase totalmente devorados pelos urubus, enchiam a atmosfera de emanações deletérias. Era medonho de ver-se.

Só muito tempo depois conheci os pormenores desta horrível tragédia, tão comum, aliás, naqueles tempos da desgraça.

A sora Maria dos Prazeres e a Anica haviam sido levadas pelos bandidos, depois do saque de sua casa. A Anica tocara em partilha a Jacob Patacho, e ainda o ano passado, a velha Ana, lavadeira de Santarém, contava, estremecendo de horror, os cruéis tormentos que sofrera em sua atribulada existência.